

10 abril  
03 outubro 2021  
SALA DO CAPÍTULO



A ILHA  
TERCEIRA  
EM TEMPOS  
DE PESTE...





## EXPOSIÇÃO

Produção: Museu de Angra do Heroísmo / 2021

Coordenação: Jorge A. Paulus Bruno

Projetos museológico e museográfico: Carla Devesa Rodrigues

Textos e seleção de peças: Carla Devesa Rodrigues

Inventariação: Carla Devesa Rodrigues, Francisco Lima,  
Magda Peres e Vitor do Castelo

Revisão de textos: Ana Lúcia Almeida

Conservação e restauro: Márcia Lima e Sílvia Luís

Design e produção gráfica: Maryori García Ramírez / Accional

Montagem: Eleutério Pimentel, Fábio Almeida, José Silva,  
Magda Peres e Rui Toste

Eletricidade: Carlos Silveira

Atividades de dinamização: Ana Lúcia Almeida, Carolina Dores,

Catarina Valadão, Débora Guilherme e Vanessa Pimentel

Cedência de peças: Farmácia Pimentel e Santa Casa

da Misericórdia da Praia da Vitória

Colaboração: Biblioteca Pública e Arquivo Regional

Luís da Silva Ribeiro

Colaboração especial: Timothy Lima

## CATÁLOGO

Produção: Museu de Angra do Heroísmo / 2021

Edição: SRCCTD / DRC / MAH

Coordenação: Jorge A. Paulus Bruno

Textos e seleção de imagens e peças: Carla Devesa Rodrigues

Fotografia: Cristina Brum e João de Deus Melo

Design e execução gráfica: Maryori García Ramírez / Coingra, Lda

ISBN: 978-972-647-388-6

Depósito Legal: 481712/21

Tiragem: 300 exemplares

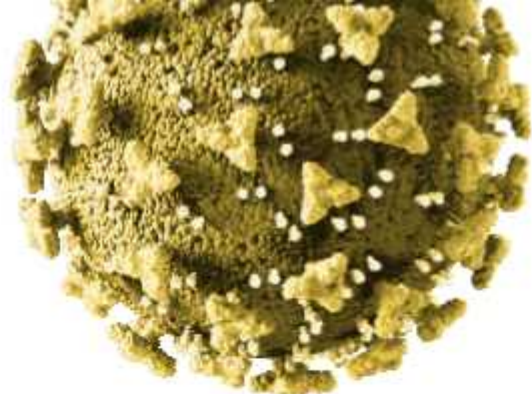


10 abril  
03 outubro 2021  
SALA DO CAPÍTULO



TERCEIRA  
EM TEMPOS  
DE PESTE...





Este novo tempo pandémico, a que todos fomos e estamos ainda sujeitos, suscitou ao Museu de Angra do Heroísmo a oportunidade de propor, através desta exposição, uma revisitação e reflexão sobre as epidemias que ao longo dos séculos, desde o seu povoamento até ao presente, assolaram a Ilha Terceira.

Realizámos esta exposição no entendimento daquilo que é a nossa missão de envolver o público na exploração da Cultura e da Natureza, não só numa perspetiva sobre o passado, como também numa leitura e observação sobre o tempo presente.

A dimensão cíclica e recorrente das epidemias, salientada nesta exposição, deve levar-nos a concluir que muito do que hoje nos preocupa e condiciona e muitos dos procedimentos que tivemos de adotar não são inéditos. Tal facto não nos pode tranquilizar, nem nos fazer

esquecer que uma epidemia como a que nos assola no presente poderá repetir-se no futuro.

Porém, nada disto deve ser entendido sem uma palavra de esperança, como a História nos ensina, de que venceremos, em cada tempo, as adversidades e os constrangimentos. Muito do que aprendemos hoje são pontes para próximos confrontos entre o Homem e a Natureza.

Resta-nos, ao Museu de Angra do Heroísmo, agradecer a todos os que, de um e de outro modo, contribuíram para a concretização desta exposição e deixar uma palavra de reconhecimento, dedicando-a a todos os profissionais de saúde que estiveram e estão, tanto na linha da frente como na retaguarda, na luta conta este inimigo, invisível, que conhecemos pela designação de SARS-COV-2, ou, mais comumente, COVID-19.

*Jorge A. Paulus Bruno*  
Diretor do Museu de Angra do Heroísmo



# Compromisso do Médico

**PROMETO SOLENEMENTE** consagrar a minha vida ao serviço da humanidade;

**A SAÚDE E O BEM-ESTAR DO MEU DOENTE** serão as minhas primeiras preocupações;

**RESPEITAREI** a autonomia e a dignidade do meu doente;

**GUARDAREI** o máximo respeito pela vida humana;

**NÃO PERMITIREI** que considerações sobre idade, doença ou deficiência, crença religiosa, origem étnica, sexo, nacionalidade, filiação política, raça, orientação sexual, estatuto social ou qualquer outro fator se interponham entre o meu dever e o meu doente;

**RESPEITAREI** os segredos que me forem confiados, mesmo após a morte do doente;

**EXERCEREI** a minha profissão com consciência e dignidade e de acordo com as boas práticas médicas;

**FOMENTAREI** a honra e as nobres tradições da profissão médica;

**GUARDAREI** respeito e gratidão aos meus mestres, colegas e alunos pelo que lhes é devido;

**PARTILHAREI** os meus conhecimentos médicos em benefício dos doentes e da melhoria dos cuidados de saúde;

**CUIDAREI** da minha saúde, bem-estar e capacidades para prestar cuidados da maior qualidade;

**NÃO USAREI** os meus conhecimentos médicos para violar direitos humanos e liberdades civis, mesmo sob ameaça;

**FAÇO ESTAS PROMESSAS** solenemente, livremente e sob palavra de honra.

## **Juramento de Hipócrates,**

Versão da Fórmula de Genebra adaptada pela Associação Médica Mundial e adotada pela Ordem dos Médicos, 2017.



# A ilha Terceira em Tempos de Peste...

*Será possível que a posteridade consiga acreditar nestas coisas?  
Pois se nós mesmos, que as vimos, mal conseguimos acreditar...*

Francesco Petrarca, *Il Canzoniere*, 1353.

A repetição quotidiana da norma e do normal, através de uma sucessão diária de hábitos, de ritmos ou de rotinas, garante ao indivíduo e, por extensão, à comunidade a que pertence, a cadenciada ilusão da invulnerabilidade, um logro que se reflete por todos os países ainda chamados de *primeiro mundo*, os quais, das fomes, das guerras, das pestes e das mortes, apenas tomam conhecimento, sempre que se revelem dignas de ser noticiadas. Circunstância generalizante, por certo, mas, embora aplicada aos dias de hoje, não perde a pertinência se se referir às sociedades de cem, de quatrocentos, ou de setecentos anos atrás.

Por isso, com o elencar de citações, de cronologias e de nomes, pretendeu-se dar a conhecer como, na ilha Terceira, se reagiu a algumas das epidemias que aqui aportaram, o que é o mesmo que dizer, como se deu resposta em tempos de suspensão de normalidade. Por isso, através de um cromatismo predominantemente dual, a preto e a branco, desejou-se simbolizar a doença e a medicina, a superstição e o esclarecimento, o dogma e a ciência: manifestações do derradeiro xadrez entre a morte e a vida. Alguns dos elementos representados, porque em distintas épocas repetidos, poderão demonstrar o que de mais humano existe: o medo e a vontade. Receia-se a morte, já não distante, porque já não de um outro, e por isso se combate qualquer súbita enfermidade.

*Ficando eu nesta cidade de Lisboa no ano de 1569, tempo que por causa da peste [...] quase todos os seus moradores a despovoaram, vi tantas coisas que provocam os ânimos e a tristeza, que quem quisera escrevê-las teria matéria para escrever um grande e mui lastimoso livro [...]. Neste tempo de tanto trabalho [...] perdi no terrestre naufrágio uma filha de vinte e quatro anos, que em amor e obras me era mãe; um filho*

*estudante; um neto moço do coro da sé. E, para mais lástima, perdi a mulher, que por suas virtudes era de mim amada, o que foi causa de grande tristeza [...].*

Gonçalo Fernandes Trancoso, *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, 1569.

A morte, devido aos surtos, quase contínuos, de Peste que a Europa desde o século XIV conheceu, e que tantas vidas ceifaram, deixou de ser abstrata, tornou-se uma entidade omnipresente no quotidiano das populações. Assim, foi integrada, através da sua personificação, na literatura, na pintura, na escultura, na gravura e até na música.

Reflectida em alegorias que ficaram conhecidas como Danças Macabras, a Universalidade da Morte era representada por esqueletos, que quase sem vestes e sem carne, dançavam e tocavam instrumentos musicais, acompanhando os que ainda não tinham morrido, a lembrar a fragilidade da vida e a vanidade dos estatutos sociais e dos luxos terrenos.







Neste espelho, todos podem ver o que lhes convém e assim dançar.

Guyot Marchant, Dança Macabra, 1485.

## Contágio

O princípio são aquelas partículas imperceptíveis que evaporam e que são quentes e penetrantes, mas húmidas quando misturadas, as quais de agora em diante serão chamadas sementes de contágios. [...] O contágio é, como o próprio nome mostra, uma forma de infeção que passa de um para outro. Ela acontece sempre entre dois: seja entre dois diversos, seja entre duas partes de um contínuo.

Girolamo Fracastoro, Sobre o contágio, as doenças contagiosas e o seu tratamento, 1546.

## Peste

*É de todos os males o mais cruel. Todos tremem com o simples nomear desta doença. Um pavor bem fundamentado, mil vezes mais funesta que a guerra, ela fez perecer mais pessoas que o ferro e o fogo.*

Jean le Rond d'Alembert e Denis Diderot, Encyclopédie, t. XII, 1765.

## Teoria dos Miasmas

De origem grega, a palavra *miasma* significa mancha ou impureza. Desde a Antiguidade Clássica, sobretudo a partir dos séculos V e IV a.C., que a medicina nela encontrou a origem de pestilências, passando a estar conotada com todas e quaisquer impurezas que, existentes no ar, o olho nu não conseguia observar. Assim, o elemento, corrompido e envenenado pelos miasmas, logo infetante, tornava-se o transmissor de doenças. Esta corrente de pensamento, cristalizada em teoria, prevaleceu na Europa Ocidental durante 2300 anos, ou seja, até à primeira metade do século XIX.

## Das Causas da Peste

*Às vezes provém de corpos mortos, ou de corrupção de paus e charcos ou chafarizes, sujos e fedorentos, e isto acontece muitas vezes onde há lugares podres e corruptos.*

Valentino de Morávia, Regimento Proveitoso contra a Pesteneça, 1480 [grafia do texto adaptada].

## Das Manifestações da Peste

[...] no início da epidemia, quer se tratasse de homens ou de mulheres, produziam-se certos inchaços nas virilhas ou nas axilas: alguns desses inchaços tornavam-se do tamanho de uma maçã vulgar, outros como um ovo, outros um pouco maiores ou mais pequenos. Chamavam-se-lhes usualmente bubões. E, no duplo domínio onde tinham aparecido de início, os bubões não tardaram, a fim de semear a morte, a crescer indiferentemente em qualquer parte do corpo. Mais tarde, os sintomas mudaram e transformaram-se em manchas negras ou lividas que apareciam nos braços, nas coxas ou em qualquer outra parte do corpo, de umas vezes grandes e separadas, de outras muito juntas e pequenas. Tal como o bubão que fora de início, e continuava a sê-lo, o indício de uma morte certa, também as manchas o eram para aqueles em que apareciam.

Giovanni Boccaccio, Decameron, c. 1349.





Santa Casa da Misericórdia da Praia da Vitória  
Fecho de abóbada com Pomba do Espírito Santo, final do séc. XV.

### Assistência aos doentes

Fundados pela Igreja, desde o século XII, que os Hospitais, por toda a Europa Ocidental, se assumiam, por excelência, como a expressão institucional da religiosidade popular e a prova do compromisso social perante inúmeras adversidades que recaíam sobre as populações. Era neles que os doentes esperavam encontrar alívio para as suas dores e cura para as suas maleitas. No reino de Portugal, a partir de 1498, a sua administração e gestão passou, gradualmente, a ficar a cargo das Misericórdias.

O mesmo ocorreu desde 1521 com os dois hospitais que, ao tempo, existiam na ilha Terceira, um em Angra e outro na Praia, e que seriam *grande e proveitoso refúgio de muitos enfermos e pobres da terra e de muitos mais que pelo mar vêm de fora* [...].

Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, c. 1590.

*Parece que estes hospitais foram instalados com a invocação do Santo Espírito, motivo porque em suas igrejas está figurada uma pomba de pedra.*

Francisco Ferreira Drummond, *Anais da Ilha Terceira*, 1850.

*Tratar [...] os enfermos, dar de comer ao que tem fome, dar de beber ao que tem sede, remir o que está cativo, vestir o nú, dar pousada aos peregrinos, enterrar os mortos.*

*Constituições Sinodais do Bispado de Angra*, 1560.

Sendo por definição, o *hospital*, um local para *hóspedes*, para todos os que necessitassem de permanecer *hospedados*, para todos os que carecessem de *hospedaria*, assim porque imbuído de misericórdia e de Espírito Santo, seriam estes, de um modo geral também os compromissos do existente na Praia da Vitória. Aí, nos séculos XVI e XVII, no seu edifício de dois pisos, tratar-se-ia do corpo na sala



Paul Fürst, *Um Médico de Peste*, 1656.

Ainda que, desde o século XIV alguns médicos devessem utilizar trajas específicos para combater a peste, a indumentária a que ficaram associados, só viria a ser concebida em 1619 por, Charles de Lorme.

de cirurgia e na enfermaria, da fome e da sede na cozinha e refeitório. Albergar-se-iam estrangeiros, viajantes, e acolher-se-iam órfãos, idosos e desvalidos. Na sua botica, os vivos poderiam comprar medicamentos e os que não tinham cura, porque a sacristia e o templo se encontravam próximos, receberiam a extrema-unção.

### A Arte de Curar

*Na medicina em geral, há três aspetos em que e por que se realiza a cura, a saber: o médico, o doente e a própria doença. Em primeiro lugar é preciso que o médico seja instruído, dedicado, agradável e sério. Importa que a sua apresentação, a conversa, a figura, o vestuário, o cabelo (tonsura), as unhas e os perfumes caiam no agrado do doente.*

Amato Lusitano, *Centúrias de Curas Medicinais*, 1556.

A prática da medicina era considerada uma arte e o seu exercício encontrava-se muito bem regulamentado e hierarquizado. No século XVI, pelo menos em teoria, um físico, médico ou licenciado era um teórico, que observava, avaliava e prescrevia tratamentos, mas não praticava a operação de corte. Todas as operações manuais, determinadas e supervisionadas pelo físico, cabiam ao cirurgião; abaixo deste encontrava-se o sangrador ou barbeiro-sangrador, que sangrava, colocava sanguessugas e ventosas, endireitava ossos partidos, remendava feridas, tirava dentes e até cortava cabelos. As mezinhas e unturas, por poderem ser fortes, laxantes ou perigosas, necessitavam de registo de ofício aprovado, e seriam fornecidas apenas pelos boticários.

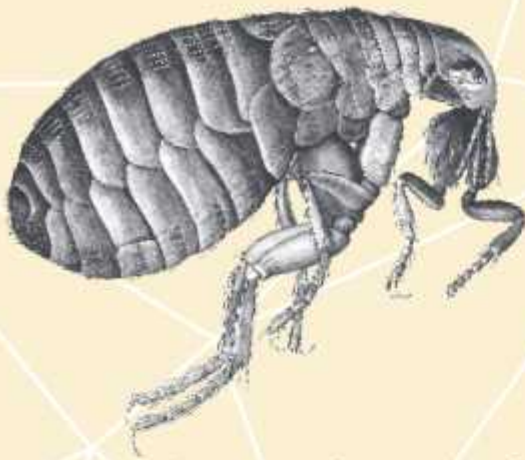
Na ilha Terceira, a documentação preservou os nomes de alguns dos que, no século XVI e princípio do XVII, cumpriam o serviço de Deus, do monarca e da saúde do povo:

1504	Tomás Pires, cirurgião
1514	Fernão Coelho, cirurgião
1515	Diogo Gonçalves, cirurgião
1539	João Galego, físico
1529-1559	Mestre Gaspar Pereira, sangrador
1559	Mestre Pedro Castro, cirurgião, apenas na vila da Praia e seu termo, por ser velho e a distância do caminho grande
1594	Diogo Vaz e Rui Dias, físicos
1595	Gaspar Rodrigues, sangrador
1600	Marcos da Silva, físico no lugar do Cabo da Praia, para curar os doentes pobres do mal contagioso
1602	Domingos Carneiro, boticário
1604	Dr. Camilo, físico
1608	Jorge Carlos, licenciado
1615	Dr. Vargas, físico na Misericórdia
1617	Dr. Simão Rodrigues Pestana, físico
1620	Gaspar de Castro, cirurgião
1624	Fernão de Lemos, licenciado
1626	João de Sousa Fagundes, boticário
1629	Mestre Miguel, cirurgião e médico



Museu de Angra do Heroísmo  
Espólio de arqueologia proveniente do  
Hospital do Espírito Santo, Praia da Vitória, séc. XVI.





## O mal que chegou do Mar

**1599**

5 de abril

A peste começa numa casa, *na rua da Esperança, por ocasião de se abrir uma arca cheia de fazendas da Índia.*

15 de abril

Ocorrem os primeiros falecimentos em Angra. Inicia-se a *quarentena* e isola-se a ilha, privando-se os moradores da cidade do comércio com as ilhas de baixo, e com as freguesias dos montes donde lhe vinham as couzas necessárias para o sustento.

13 de maio

Principia a peste na Praia.

17 de maio

A fim de evitar o contágio, estabelecem-se barreiras, com guardas, impedindo a circulação de pessoas de Angra para S. Sebastião. Tomando esta vila como padroeiro o já orago da igreja, S. Sebastião. Lança-se, em S. Sebastião, aos mais abastados, um imposto municipal extraordinário, a *finta*, para que, através da Santa Casa da Misericórdia, os mais pobres pudessem ser socorridos.

19 de maio

Ocorrem os primeiros falecimentos na Praia.

21 de maio

Estabelece-se uma Casa de Saúde na Praia.

6 de junho

O município da Praia tira sortes, na capela da Misericórdia, para determinar S. Sebastião padroeiro, indo de seguida em procissão até à sua ermida.

Meses de julho e agosto

A peste progride em excesso: *a morte ceifa sem piedade em todas as classes, grandes e pequenos; mata famílias inteiras, e deixa desabitadas a maior parte das casas, as freguesias ficam quase todas despovoadas.*

Mês de agosto

Estabelece-se uma Casa de Saúde em Angra.

**1600**

20 de janeiro

Dirige-se um cortejo à ermida da Casa de Saúde de Angra, que segue até à de S. Sebastião. Daí, novamente em procissão, percorre as principais ruas da cidade e respetivas igrejas, retornando à ermida inicial.

Nesta ocasião, a Câmara de Angra, compromete-se a realizar, todos os anos na ermida de S. Sebastião uma festa em seu louvor, tornando-o padroeiro da cidade.

Levanta-se a *Bandeira de Saúde* e finda a *quarentena*, terminando o isolamento da ilha Terceira.

Durante este, ano edifica-se uma ermida em louvor de S. Sebastião (já desaparecida, localizava-se na atual praça Dr. Sousa Júnior).

**1601**

1 de maio

Regista-se o último óbito da peste e dá-se o surto como extinto.

**1603**

19 de abril e 2 de agosto

A Câmara da Praia continuava a deliberar que *todo o barqueiro que trouxesse fardos de fazenda de bordo dos navios ancorados no porto daquela vila, os abrisse e os ventilasse no areal, de acordo com as determinações dos oficiais de saúde, sob a pena de coima e de ser desterrado.*

# Manifestações do *Mal*

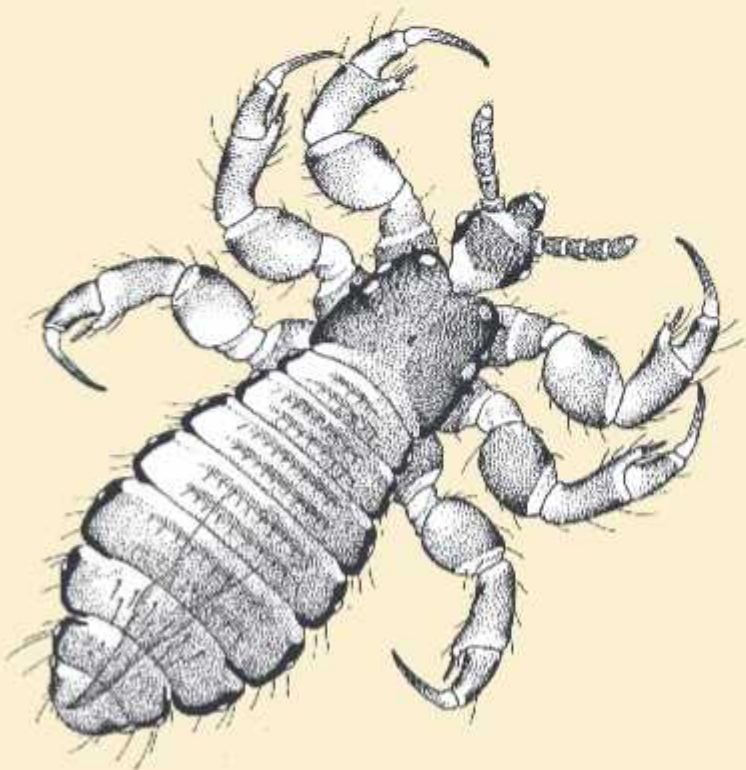
Começou com ardentíssimos sintomas, de que procediam em poucas horas umas mostras de antrazes ou carbúnculos [...].

Francisco Ferreira Drummond, *Anais da Ilha Terceira*, 1850.

## Pulga ou piolho?

A pulga mais o piolho,  
São da mesma geração;  
O piolho é do fidalgo,  
A pulga pertence ao cão.

[Quadra Popular, Terceira]



## Pulga

Transportada por roedores, a *Xenopsylla cheopis*, uma espécie de pulga, terá chegado à Europa vinda de Oriente, por volta de 1347. Ela foi o principal agente na transmissão das epidemias que, causadas pela bactéria *Yersinia pestis*, assumiram as formas pulmonar, septicémica e bubónica. Estima-se que o maior surto de Peste Negra, no século XIV, tenha matado 60% da população europeia: cerca de 50 de 80 milhões de habitantes.

## Piolho

O piolho humano, *Pediculus humanus*, carregava consigo a ameaça de tifo exantemático. O organismo, *Rickettsia prowazekii*, transmitia-se não através da picada, mas sim pelos seus excrementos e corpos esmagados, que infestavam, especialmente, contextos de imundice e pobreza. Em Portugal, a primeira ocorrência da epidemia, que terá sido por volta de 1480, surge referida como Peste Pequena ou tabardilho (diminutivo de tabardo, espécie de capote com capuz abotoado).

## Peste ou Tifo exantemático?

Este flagelo que atingiu a ilha Terceira, sem exceção de idade, sexo ou pessoa, poderia, ao invés de peste bubónica, ter sido uma epidemia de tifo exantemático. Dos sintomas descritos, e que em ambas as ocorrências se poderiam sobrepor, destacavam-se os espirros ou as embolias e tromboses que, ao ulcerar, pareciam bubões. Para essa hipótese acresce ainda a existência, ao tempo, de um surto de tifo em Portugal Continental, assim como o registo documental de mortes na ilha por tabardilho.

## Casas de Saúde

À semelhança do que, desde o século XIV, vinha acontecendo por toda a Europa, também na ilha Terceira, o terrível contágio, levou à instituição de Casas de Saúde. O crescendo de contagiados e a percepção da necessidade de tratamento específico e de isolamento dos mesmos assim o determinaram. Nestes espaços, de outros reconvertidos ou em meras tendas, os doentes, caso não levassem consigo a sua própria enxerga ou lençol, seria no chão que se deitavam para receber os cuidados de cirurgiões. Seriam, também aí, os religiosos uma presença constante





Museu de Angra do Heroísmo  
Flagelação de São Sebastião, 1580.

O culto de São Sebastião, como padroeiro da doença epidémica, teve início por volta de 680 d. C.. De acordo com a sua lenda, este comandante da Guarda Pretoriana do imperador Diocleciano, terá sobrevivido, porque cristão, a uma condenação à morte por flechas. Estando estas simbolicamente associadas à transmissão de doenças, São Sebastião, que por milagre lhes sobreviveu, foi investido com o poder de proteger e recuperar todos outros, do mesmo modo, atacados.

na assistência aos enfermos, sendo sobre eles que recaíam as tarefas de alimentar, de lavar os corpos e de ouvir as confissões da alma, garantindo assim o *alívio* espiritual, que antecederia a extrema-unção ou os últimos sacramentos, dos que iam morrer.

Em Angra, por exemplo, esse papel foi desempenhado por dois franciscanos, Frei Pedro dos Santos e Frei Jorge de Saphara, na Casa de Saúde, próxima dos portões de S. Bento; e pelo jesuíta, o Padre Francisco Fernandes, coadjutor espiritual, que viria a falecer vítima do *mal*, a 30 de agosto de 1599.

### Desinfetar, fumigar e prevenir

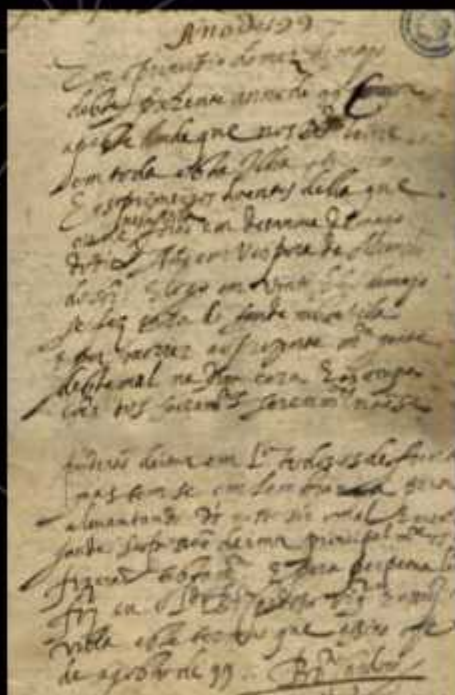
*Mas em tempo de pestilência melhor é estar em casa que andar fora, não é são andar pela vila ou cidade.*

Valentino de Morávia, *Regimento Proveitoso contra a Pesteneça*,  
1480 [grafia do texto adaptada].

Quando a peste assolava, os médicos cobriam-se dos pés à cabeça e usavam, eliminando a necessidade de tocar nos pacientes, um ponteiro para os examinar. Por detrás da máscara, protegiam-se do ar corrompido com palha e respiravam os perfumes do âmbar, da cânfora, da erva-cidreira, da hortelã, do láudano, da mirra ou das pétalas de rosa. Às gentes, como prevenção, recomendavam que desinfetassem as habitações, lavando-as com água fervente e vinagre, que abrissem as janelas para a luz do sol entrar e que no fogo sempre aceso, de modo a que, o fumo entrasse pelas bocas e pelos narizes, e se queimassem arruda, bagas de loureiro, hissopo, folhas de sabugueiro e ramos de aloés e de junípero. Para cuidar do corpo, insistiam na lavagem dos olhos, boca e mãos com água de rosas cortada com vinagre, e recomendavam dietas profiláticas, que incluíssem açafraão, alho, cominhos, cravinho, pimenta, mostarda, noz moscada ou perrexil.

## A quantia do *Mal*

Duração da epidemia: cerca de 8 meses  
Número de habitantes (estimado): 23.000  
Número de vítimas: cerca de 7.000 indivíduos  
- 1/3 da população



Livro de Óbitos

Em o princípio do mês de maio / deste presente ano de [15]99 Começou / a peste de que nos Deus livre, / em toda esta Ilha terceira. / E os primeiros doentes dela que / houve <nesta vila> forão em dezanove de maio / do dito Ano em Véspera da Ascensão / do senhor. e logo em vinte e um de maio / se fez casa da saúde nesta vila / e por morrer ao presente muita gente / deste mal na dita casa e

as ocupações dos sacramentos serem muitas não se \\ puderam deitar em Livro todos os defuntos / mas tem se em Lembrança para que / alevantando deus nosso senhor o mal e havendo / saúde se possam deitar principalmente os que / fizeram testamento e para perpétua lembrança / fiz eu o Licenciado Bartolomeu Cardoso vigário e o ouvidor desta / vila este termo que assino hoje 22 / de agosto de [15]99.

Biblioteca Pública Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro,  
Livro de Óbitos 1561 - 1643. Freguesia de Santa Cruz, Vila da Praia, fls. 33-33v.  
[Transcrição com grafia atualizada.]

*Naquele sítio jaziam os parentes de todos: e de toda a ilha vinham sufragar as almas dos defuntos.*

Pedro de Merelim, *Notas sobre os Conventos da Ilha Terceira*, vol. II, 1963.

### Do destino dos defuntos

Em tempos de normalidade, eram as igrejas a última morada dos defuntos, destinando os seus adros e chãos para, sob a proteção divina, os sepultar. Em tempos de epidemia os corpos, em volume amontoados, eram enterrados em campos e cerrados, fora do limite das habitações. As covas essas, para comportar o número de cadáveres, de individuais, passavam a valas comuns, pouco profundas, que se cobriam com cal, para acelerar a decomposição dos cadáveres e diminuir os riscos de contágio.

Em Angra, aquando da peste de 1599, foi escolhido um terreno para inumação das vítimas, um *campo sagrado* cujos limites, os dois frades franciscanos que aí prestavam apoio espiritual, contornaram com uma sebe de hortelã. Passada a ameaça, mas ficando a memória, em 1610, também nesse local deram inícios os trabalhos de construção de uma ermida, que se designou de S. Roque: esse novo santo que a Peste Negra juntara ao calendário, pois, embora pestífero, vencera o *mal*. Ficaria conhecida, a partir de 09 de março de 1643, data do lançamento da pedra fundacional, como o Convento de Santo António dos Capuchos, e o cemitério como o do Livramento.





### Do porquê e do como *temperar* a saúde

Do mesmo modo que se temperavam os alimentos prestes a ser consumidos, também a saúde do corpo humano se mantinha através do tempero dos seus quatro *humores*. Assim, para que a doença não se manifestasse, seria necessário equilibrar o sangue (quente e húmido), a bilis negra que baço e o estômago produziam (fria e seca), a bilis amarela segregada pelo fígado (quente e seca) e a fleuma, equivalente a todas as secreções mucosas (fria e húmida). Na arte médica, vigente por toda a Europa Ocidental, até inícios do século XIX, os processos considerados para tal efeito resumiam-se a regime alimentar, toma de medicamentos (sólidos ou líquidos) e cirurgia. Para administração e aplicação dos remédios, os principais métodos encontravam-se divididos em sangrias, purgativos, eméticos (vómitos) e clisteres.

### Definição de medicamento

*Aquele que pode alterar a nossa natureza; ou [...] é aquele que aplicado a um corpo humano sara as suas enfermidades; ou é aquele instrumento do qual usam os médicos para sararem as nossas enfermidades, que podia ser simples, tal qual a natureza o criou, ou composto de uma ou de mais coisas juntas por arte.*

D. Caetano de Santo António, *Pharmacopeia Lusitana*, 1704.

### Dos fazedores de medicamentos

A elaboração de medicamentos, sob a forma de águas, colírios, emplastros, pílulas, purgantes, unguentos ou xaropes, ficava a cargo dos considerados legitimados para tal ou dos boticários. Não sendo Angra exceção ao que sucedia no resto da Europa, eram maioritariamente mãos religiosas, de homens ou mulheres que, dentro dos espaços conventuais, nas respeitadas boticas, os confeccionavam.

Museu de Angra do Heroísmo,  
Cruzeiro central do claustro do antigo  
convento de Santo António dos Capuchos, 1696.

### Da composição dos medicamentos

Recebiam nomes com *Água Prodigiosa*, *Bálsamo de Fezes de Ouro*, *Leite Virginal*, *Panaceia Mercurial* ou *Unguento Celeste*, designações pouco esclarecedoras é certo, mas que, não deixariam de remeter para o hermetismo da arte e, ao mesmo tempo, evocar o milagre da cura. A maior parte dos ingredientes que os compunham nada tinham de misterioso, tratava-se de flores, ervas e especiarias, como rosas, violetas, cidreira, perretil, baga de louro, sabugueiro, açafraão, canela, cominhos, gengibre, noz moscada ou pimenta.

Em Angra, no século XVII, a botica do Convento de Nossa Senhora da Conceição, ficou conhecida, por exemplo, pela sua produção de *Água da Rainha da Hungria*. Aquela que, desde o século XIV até ao XVIII, era a mais desejada fragrância da Europa. Também utilizada como remédio, porque ingerida, resumia-se a uma destilação de alecrim em aguardente forte.

### Os Hospitais

1644

14 de agosto

Regulariza-se e organiza-se o tratamento dos doentes no Hospital Real de Nossa Senhora da Boa Nova que, fundado dois anos antes, prestava assistência aos militares aquartelados no Castelo de São Filipe. Nele desempenhavam funções um médico, um cirurgião, um barbeiro sangrador e dois capelões.

1833

02 de abril

É cedido, por decreto de D. Pedro IV, após a extinção das Ordens Religiosas, o Convento de Nossa Senhora da

Conceição, em Angra, para a instalação do Hospital de Santo Espírito da Santa Casa da Misericórdia.

30 de outubro

É cedido, por decreto de D. Pedro IV, após a extinção das Ordens Religiosas, o Convento de Nossa da Luz, na Praia, para a instalação do Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

### Medalhas e Amuletos

Num quotidiano, onde as práticas da medicina, da religião e da magia coexistiam, se sobrepunham ou até mesmo se reforçavam, não será de estranhar que, a par da doença considerada como devida a causas naturais, as gentes acreditassem também na doença originada pelo sobrenatural. Para se precaver, muniam-se de medalhas ou amuletos.

Aquelas, de cariz religioso, mais conhecidas por veneras ou verónicas, porque carregavam a imagem de Maria, virgem ou mãe, ou dos muitos santos curandeiros e fazedores de milagres, chegavam mesmo a ser levadas para a sepultura. Quanto aos amuletos, acreditavam-nos capazes de cumprir um papel profilático e apotropáico, ou seja, de prevenir e afastar toda e qualquer *coisa ruim*. A figa, fixação de um gesto protetor, e o sino-saimão, a estrela de cinco braços que a tradição fazia remontar ao selo do rei Salomão, foram, ao longo dos séculos, dos símbolos protetores mais utilizados em Portugal.

*A mãe pelo caminho fora, perguntando ao seu filho o que era aquilo que lhe ardia. É o cobra, cobrelo, rabelo. Com que o curemos? Com o ramo do monte, a água da fonte, o pó da guia, em nome de Deus e da Virgem Maria, secarás, secarás.*



Museu de Angra do Heroísmo,  
Verónicas e amuletos, séc. XX



*Nas doenças, o povo da Ilha Terceira, antes de recorrer ao médico, tenta reaver a saúde empregando remédios caseiros, fazendo benzeduras e outras práticas supersticiosas e entregando-se à proteção divina por meio da intercessão dos santos, especialmente advogados de certas moléstias.*

*Às vezes, se a doença não cede aos medicamentos que o médico receita (remédios da botica), cooperam com eles remédios caseiros e, às escondidas, as benzedeiras e mulheres de virtude vão tratando ao mesmo tempo o enfermo. A maior parte dos remédios caseiros é preparada com ervas, ou folhas de certas árvores, em cozimentos ou chás, e alguns têm virtudes curativas de mais de uma doença.*

Luís da Silva Ribeiro, "Medicina Popular" in Correio dos Açores, 1933.

**Para desfazer abscessos, furúnculos ou adenites:** papas feitas de rolão, vinho e azeite de oliveira (azeite doce), papas de linhaça, papas de trigo quente, uva passada, ou unguento composto por sabão, açúcar ou mel e gema de ovo.

**Para as doenças de garganta e rouquidão:** cozimentos de flores de malvas e cápsulas de papoila (*dormideiras*), chá de flores de sabugueiro e também água com vinagre, chá de salva ou de perpétuas roxas.

**Para as constipações, catarros, bronquites e gripes:** chá de salva ou de cambará, com bastante açúcar, vinho quente ou aguardente queimada com açúcar, chá das folhas de laranjeira azeda, de flores de sabugueiro ou de folhas de eucalipto, fricções com vinagre quente e cataplasmas no peito com farinha de linhaça e mostarda.

**Para as perturbações menstruais e cólicas uterinas:** chá ou licor de arruda, chá de sabina ou cravagem de centeio.

**Para a flatulência e moléstias de estômago:** chá de cidreira e chá de macela ou de fel da terra.

**Para as feridas e golpes:** teia de aranha com terra e olhos de carvalho macerados em álcool.

**Para as queimaduras:** sabão ou clara de ovo, óleo de linhaça e azeite e ainda lavagens com urina.

*Na parte mercantil, foco da epidemia,  
Um pânico! Nem um navio entrava a barra,  
A alfândega parou, nenhuma loja abria,  
E os turbulentos cais cessaram a algazarra.  
Pela manhã, em vez dos trens dos batizados,  
Rodavam sem cessar as segas dos enterros.  
Que triste a sucessão dos armazéns fechados!  
Como um domingo inglês na City, que desterros!*  
[...]

*Uma iluminação a azeite de purgueira,  
De noite amarelava os prédios macilentos.  
Barricas de alcatrão ardião; de maneira  
Que tinham tons de inferno outros arruamentos.*

Cesário Verde, Nós, 1901 [edição póstuma].

## Aporta a Peste Bubónica

*Fértil em ensinamentos e surpresas tem sido a quadra epidémica que a ilha Terceira há perto de um ano vem atravessando. A descoberta de uns casos de moléstia desconhecida entre nós e classificado desde logo de peste bubónica, originou o furação de insânia que rijamente bateu e abalou o edifício da tradicional pacatez indígena terceirense. [...] Cedo tive a convicção de que em curto prazo nos veríamos a braços com uma epidemia séria.*

Museu de Angra do Heroísmo, Manuel António Lino, Relatório sobre a epidemia de Peste na ilha Terceira, 1908-09.

De que haja registo, o último surto de peste bubónica na Europa Ocidental, teve origem na cidade do Porto, entre junho de 1899 e janeiro de 1900. Chega à ilha da Madeira, já no século XX, em 1905 e, passados três anos, alcança o distrito da Horta e o de Angra do Heroísmo.

### 1908

06 de julho

Propaga-se, na ilha Terceira, uma doença de *mau caráter*.

09 de julho

Isolam-se os doentes e procede-se à desinfeção das suas roupas, casas e respetivas mobílias.



11 de julho	Confirmação bacteriológica em laboratório da existência do bacilo da peste.	desinfetantes para impedir a propagação da doença.
12 de julho	Após reunião, a Junta de Saúde delibera que se efetuem visitas domiciliárias aos enfermos e que a sua hospitalização seja isolada, de preferência, com permanência nas próprias habitações. O aumento de casos obriga a que se improvisem hospitais. Em Angra do Heroísmo, o Hospital Civil cede o pavilhão destinado ao tratamento de alienados, com dois enfermarias e capacidade para trinta camas assim como seis quartos, que podiam acomodar os pacientes em estado mais grave ou com necessidades específicas de tratamento. Na Praia da Vitória, não se revelando o Hospital dos Lázarus suficiente para o efeito, tendo funcionado apenas entre 25 de setembro e 26 de dezembro, a escolha para instalação dos enfermos, recai sobre o edifício da Alfândega. O Governo Civil disponibiliza um <i>Landau</i> , uma carruagem e <i>competentes animais de tração</i> , para o transporte exclusivo dos doentes. O Serviço de Desinfecção utiliza pulverizadores, formolizadores e	15 de outubro A remoção dos corpos e os enterramentos deixam de estar a cargo de um empregado municipal e de dois bombeiros, passando a ser realizados pelo Serviço de Desinfecção.
		20 de outubro Cria-se um cordão sanitário na freguesia de Santa Bárbara, da qual só se sai por determinação médica e mediante apresentação de um <i>passé de saúde</i> diário. Por motivos de sanitários, divide-se a ilha em seis zonas, cada qual vigiada por um médico, com auxílio de enfermeiros e desinfetadores.
		11 de novembro Chega, do continente, uma missão com auxílio médico e sanitário, chefiada por António Joaquim de Sousa Júnior.
		De novembro a janeiro Preventivamente, 2.267 homens, 3.060 mulheres e 2.421 crianças de ambos os sexos recebem a vacina <i>anti-pestosa</i> .
		10 de dezembro Inicia-se uma campanha pública, sobretudo com entrevistas publicadas no diário de Angra <i>O Tempo</i> , para combater o principal agente transmissor da epidemia: o rato.
		<b>1909</b>
		05 de janeiro Constitui-se a <i>Liga Contra os Ratos</i> , que garantia, mediante a apresentação de vales passados pelos Laboratórios de Bacteriologia ou pelos médicos das zonas sanitárias, o pagamento devido por cada exemplar caçado. Assim, no espaço de 9 meses, entre janeiro e setembro, são exterminados 429.133 murídeos.



## Alguns números

De janeiro de 1908 a fevereiro de 1910, registaram-se **231** casos de peste, dos quais se curaram **136**. Entre os **125** óbitos, contavam-se as enfermeiras Irmã Clara de Jesus, Irmã Perpétua Maria e o desinfestador Sebastião dos Santos.

## A influência dos céus

Conhecida em Portugal como pneumónica, também chamada de espanhola, pelo facto dos primeiros relatos sobre o seu aparecimento a ligarem a esse país, esta gripe foi considerada a mais mortífera de todos os tempos. Estima-se que em território português, nos dois anos em que durou, tenha provocado mais de 130 mil baixas. Designada em meios científicos por *influenza* – termo corrente no século XVI que atribuiu à *influenza dos céus* a causa dos súbitos surtos de epidemias –, incidiu sobretudo em jovens adultos, entre os 20 e os 40 anos. Com capacidade para afetar os sistemas respiratório, nervoso, digestivo, renal ou circulatório, os infetados podiam apresentar um vasto leque de sintomas: dores de cabeça intensas, cansaço excessivo, vômitos ou pneumonia.

Da sua presença, a ilha Terceira, não se livrou...

*Estamos naturalmente isolados, e poderemos viver uns meses só com os recursos da terra. [...] O pouco que temos de nada nos valerá quando o pequeno ou o grande descuido deixe que o mal nos visite e se apossa de todos. A essa doença todos ficam sujeitos: os que mandam e os que obedecem.*

Jornal A União, 31 de outubro, 1918.

*Entrou sem maiores dificuldades pelo porto de Angra para esta cidade e [...] tem assaltado quase todas as casas, sendo desolador o aspeto que oferecem algumas ruas principais, pela paralisação do movimento comercial, devido ao encerramento de muitos estabelecimentos, em consequência de doença dos respetivos empregados.*

Jornal A União, 25 de novembro, 1918.

*Um dos melhores meios de evitar o contágio do micróbio da gripe é a lavagem das mãos com sabonetes medicinais. Os sabonetes medicinais são: Ácido Bórico, Ácido Fénico,*

*Sublimado, Enxofre, Alcatrão, Alcatrão e Borax, Creoline, Thimol, Ichtimol, Formol, Naphtol, Salicilado.*

Jornal A União, 03 de dezembro, 1918.

*Felizmente a epidemia já atingiu o período crítico e vem decrescendo. Todos os teatros, os estabelecimentos públicos e igrejas encerraram suas portas. O povo foi obrigado a usar máscaras como preventivo contra a epidemia, o que tem dado resultados satisfatórios.*

Jornal A União, 17 de dezembro, 1918.

Sem cura, desapareceu, pela ausência de casos registados, nos finais de 1919 e início de 1920.

## De novo... a Peste

*Tornou-se para muitos habitantes uma doença familiar e que não causa grandes sustos, apesar de tantas vidas lhe roubar. Sendo a peste nesta Ilha uma doença primariamente do rato e só secundariamente humana, a luta anti-murina e a construção à prova de rato tem neste programa um papel de relevo.*

Museu de Angra do Heroísmo,  
Relatório da Comissão para a Luta contra a Peste na Ilha Terceira, 1942.

## 1942

Proposta, com objetivo de presidir à luta contra a peste com um conceito científico, da criação do Instituto para o Estudo da Peste, ao qual competiria:

- Organizar, coordenar e avaliar a execução da caça ao rato;
- Determinar diretrizes para transformar todas as construções, existentes e futuras, da ilha à prova de rato;
- Fiscalizar o armazenamento de cereais, fazer cumprir a legislação no respeitante a pocilgas, currais e estrumeiras, certificar-se da destruição sistemática dos lixos;

- Após a criação de um Hospital de Pestosos, gerir os serviços clínico e laboratorial do mesmo;
- Analisar, publicar e publicitar os resultados dos trabalhos referentes à temática.

### De 1931 a 1949

Estima-se que tenham falecido de peste 432 pessoas.

A partir de 1950 as estatísticas oficiais deixam de averbar óbitos decorrentes da doença, havia chegado à Terceira, a terapêutica atempada com antibióticos.

*O tio Roberto falecera nessa madrugada, de peste [...]. Tinha adoecido havia cinco ou seis dias [...]. Contagiara-se não se sabia bem onde nem como: talvez no granel, de um rato. Enfim: uma forma de peste fatal, com bubões no sovaco e no pescoço.*

*Nas casas abastadas fazia-se grande consumo de sublimado, e viam-se de manhã as mulherzinhas dos Flamengos, que desciam com molhos de rama de eucalipto para queimar [...] por causa do contágio. Não se pode entrar naquela casa, com o fumo de eucalipto e de alfazema.*

*Levámos um dia e uma noite com tudo calafetado, e os desinfectores tuca-tuca... fumigando tudo para aí, que até parecia que estavam a sulfatar as vinhas.*

*Aparecera um rapaz com um grande bubão no sovaco, [...] a mãe fomentou-o com panos de vinagre.*

*E aquela gentinha abandonada, sem soro... sem médicos... metidos em casa uns dos outros! [...] Foi preciso que [...] todas as pessoas de respeito e de peso fizessem um abaixo-assinado em telegrama ao Governo para que a Açor acordasse da pasmaceira da Doca e fosse a São Miguel buscar soro!*

*Caixões, aqui?! – exclamou João Garcia. [...]. Vamos a saber uma coisa: você é cangalheiro, ou aluga trens de praça?!*

*Um sujeito adamado e de chapéu de coco apregoava estampas: Veneranda Imagem do Senhor S. Sebastião, advogado contra a peste!*

*– A sr.ª D. Emilia como está?*

*– Já leva a sua conta de cal. Fechou-se o caixão agora mesmo.*

Vitorino Nemésio, *Mau Tempo no Canal*, 1944.



Museu de Angra do Heroísmo, Máscara e Vacinas Antipestosas, séc. XX



## Vontades de progredir no *domínio das causas de morte*

### **Manuel António Lino**

Forma-se na Escola Médico-cirúrgica de Coimbra em 1892. Exerce, na ilha Terceira, funções de Delegado de Saúde, onde se evidencia como homem de ciência e prático experimentado na epidemia de 1908-09.

### **Maria Teodora Pimentel**

Forma-se na Escola Médico-cirúrgica de Lisboa em 1896. É a primeira médica da ilha Terceira. Desempenha funções de Delegado e Inspetor de Saúde, tendo-se destacado no combate ao surto de peste em 1908-09.

### **António Joaquim de Sousa Júnior**

Natural da Praia da Vitória, forma-se em 1898 na Escola Médico-cirúrgica do Porto. Como Chefe do Laboratório de Bacteriologia da cidade do Porto centra os seus estudos no campo das doenças infetocontagiosas. Voluntaria-se para, gratuitamente, integrar a Missão Médico-Sanitária que se deslocou à ilha Terceira para auxiliar no combate à peste de 1908-09.

### **Henrique Henriques Flores**

Licencia-se em Coimbra em Medicina e Cirurgia, no ano de 1931. Ao exercício da medicina, acrescem-lhe as funções de Delegado de Saúde Pública, Diretor do Laboratório de Águas da Junta Geral, Diretor de Saúde no Hospital de Isolamento. A sua especialidade leva-o, em 1933, a abrir o

primeiro Laboratório de Análises Clínicas da Ilha Terceira. A sua preocupação com as questões sanitárias e consequente a erradicação de doenças contagiosas fá-lo, por exemplo, recolher e analisar amostras de água, de forma a elaborar relatórios com medidas corretivas e preventivas.

### **Teoria Microbiana**

Há trezentos e quarenta e sete anos atrás, *um homem desconhecido chamado Leeuwenhoek olhou, pela primeira vez, um novo mundo misterioso povoado com mil tipos diferentes de seres minúsculos, alguns ferozes e mortais, outros amigáveis e úteis, muitos deles mais importantes para a Humanidade do que qualquer continente ou arquipélago.*

Paul de Kruif, *Microbe Hunters*, 1926.

Museu de Angra do Heroísmo,  
Microscópio Microbe Hunter e lamelas  
com culturas, séc. XX.



A descoberta desses microrganismos, que receberam o nome de micróbios, através da sua observação num microscópio, foi o ponto de partida para o descrédito da teoria da origem espontânea das patologias. Nos finais do século XIX, com os estudos e descobertas de Louis Pasteur, Ferdinand Cohn e Robert Koch, a microbiologia impunha-se. Permitia que se associasse a constante patógeno-hospedeiro, que aquele fosse isolado, inoculado e os seus sintomas reproduzidos e, por fim, para efeitos de estudo, novamente isolado e observado. Prevalcia a visão científica da causa microbiana das doenças, surgindo como consequência da ação de microrganismos que se desenvolvem no corpo de um hospedeiro e se multiplicam através da reprodução.

**Bactéria** – Vive livremente no solo, na água, como parasita de plantas e animais. Inclui qualquer um dos numerosos grupos de organismos unicelulares microscópicos que constituem o filo *Schizomycota*, do reino *Monera*, com várias espécies envolvidas em doenças infecciosas, fermentação ou putrefação.

**Doença** – Refere-se à condição anormal de uma parte, órgão ou sistema de um organismo, podendo ser resultante de várias causas como infeção, inflamação, fatores ambientais ou genéticos. Caracteriza-se por um conjunto identificável de sinais e sintomas.

**Epidemia** – Termo empregue sobretudo para doenças infetocontagiosas, pressupondo a ocorrência numa comunidade ou região, de casos de uma determinada doença, em número claramente superior a uma média normalmente expectável.

**Pandemia** – Termo que denota uma doença epidémica que, pela sua proporção e extensão, ataca a população de uma região, país ou continente.

**Vírus** – Qualquer um dos vários agentes submicroscópicos que infetam organismos vivos e, muitas vezes, causam doenças. Incapazes de se replicar sem uma célula hospedeira, não são considerados organismos vivos.





# Coronavírus e COVID-19

## Coronavírus e COVID-19

Os coronavírus, cuja transmissão de animais a humanos se conhece desde 1964, são a causa comum de infeções respiratórias, de curta duração e relativa moderação, vulgarmente designadas por gripes. No entanto, dos sete identificados, apenas alguns como Sars-CoV em 2002 e Mers-CoV em 2012, são a causa da síndrome respiratória aguda grave.

## 01 de dezembro de 2019

Identifica-se pela primeira vez, em Wuhan, na província de Hubei, na República Popular da China, uma doença respiratória aguda, causada por um vírus desconhecido, a que se chama Sars-CoV-2.

## 12 de janeiro de 2020

A Organização Mundial de Saúde confirma a existência de um novo coronavírus como agente causador de um surto de pneumonias atípicas.

## 02 de março de 2020

O surto chega oficialmente a Portugal.

## 11 de março de 2020

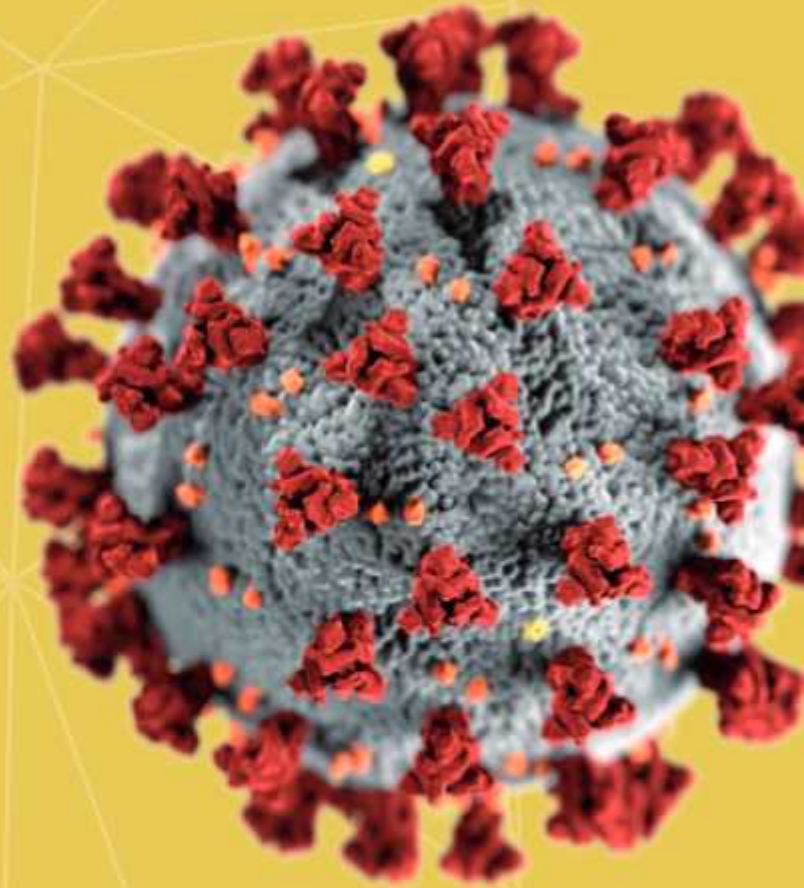
A Organização Mundial de Saúde declara o surto como pandemia de COVID-19.

## 13 de março de 2020


O Governo Regional dos Açores declara situação de contingência.

## 31 de dezembro de 2020

Começa a vacinação contra a COVID-19 no arquipélago dos Açores.



Museu de Angra do Heroísmo  
Vacina Anti-COVID-19, 2020.



**Números a  
23 de março  
de 2021**

**Mundial**  
Total de casos  
**123 868 128**

**Óbitos**  
**2 726 513**

**Açores**  
Total de casos  
**1 192**

**Óbitos**  
**18**

*No nobre e generoso desempenho do seu serviço alguns encontraram a morte, outros por pouco não sucumbiram. Aos mortos o nosso respeito e a nossa saudade, aos vivos os nossos agradecimentos.*

Manuel António Lino  
Museu de Angra do Heroísmo,  
*Relatório sobre a epidemia de Peste na Ilha Terceira, 1908-09.*





# Legendas

## Fecho de abóbada

Pedra  
85x50cm (D x E)  
Praia da Vitória, séc. XVI  
Hospital do Espírito Santo da Praia da Vitória  
Coleção particular

## Púcaro

Cerâmica comum  
9,6x10,3x8,3cm (A x L x D)  
Lisboa, séc. XVI a início do XVII  
Hospital do Espírito Santo da Praia da Vitória  
MAH.D.2019.3805

## Púcaro

Cerâmica comum  
8,6x6,7x4,3cm (A x L x E)  
Lisboa, séc. XVI a início do XVII  
Hospital do Espírito Santo da Praia da Vitória  
MAH.D.2019.3805

## Panela

Cerâmica comum  
12x23x19,5cm (A x L x D)  
Lisboa, séc. XVI a início do XVII  
Hospital do Espírito Santo da Praia da Vitória  
MAH.D.2019.3805

## Bordo de algaridar

Cerâmica vidrada  
10,5x15,7x3,3cm (A x L x E)  
Lisboa, séc. XVII-XVIII  
Hospital do Espírito Santo da Praia da Vitória  
MAH.D.2019.3805

## Taça

Cerâmica comum  
7,2x14,6cm (A x D)  
Lisboa, séc. XVI a início do XVII  
Hospital do Espírito Santo da Praia da Vitória  
MAH.D.2019.3805

## Taça

Cerâmica comum  
7,6x17,5cm (A x D)  
Lisboa, séc. XVI a início do XVII  
Hospital do Espírito Santo da Praia da Vitória  
MAH.D.2019.3805

## Cruz

Basalto esculpido  
333x228x30cm (A x L x E)  
Ilha Terceira, séc. XVII  
Convento de Santo António dos Capuchos  
MAH.D.2008.0437

## Flagelação de S. Sebastião Mestre de S. Sebastião de Angra

Óleo sobre madeira de cedro  
141,5x85,5x5,5cm (A x L x E)  
Ilha Terceira, 1580  
MAH.R.1996.0477

## Verónica com Santo André e Nossa Senhora com o menino

Liga metálica  
2,5x0,5cm (D x E)  
Ilha Terceira, séc. XV  
Convento de S. Gonçalo  
MAH.R.2016.0637

## Verónica com Nossa Senhora com o menino e S. Cristóvão

Liga metálica  
3,5x0,5cm (D x E)  
Ilha Terceira, séc. XV  
Convento de S. Gonçalo  
MAH.R.2016.0637

## Verónica com o Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição

Liga metálica  
3,8x0,6cm (D x E)  
Ilha Terceira, séc. XV  
Convento de S. Gonçalo  
MAH.R.2016.0637

## Verónica com o Santíssimo Sacramento e Ave Maria Gratia

Liga metálica  
3x0,5cm (D x E)  
Ilha Terceira, séc. XV  
Convento de S. Gonçalo  
MAH.R.2016.0637

## Verónica com a estigmatização e beatificação de S. Francisco

Liga metálica  
2,5x0,2cm (D x E)  
Ilha Terceira, séc. XV  
Convento de S. Gonçalo  
MAH.R.2016.0637

## Amuleto Figas

Osso de baleia  
2,7x2,4x1,1cm (C x L x E)  
Ilha Terceira, séc. XX  
MAH.R.1995.0018

## Amuleto Sino-Saimão

Osso de baleia  
2,8x0,3cm (D x E)  
Ilha Terceira, séc. XX  
MAH.R.1995.0017

## Amuleto

Osso  
6x3,2x0,4cm (C x L x E)  
Séc. XX  
Coleção particular

## Caixão

Madeira, tecido e metal  
43x200x60cm (A x C x L)  
Ilha Terceira, 1945-1970  
MAH.D.2020.1313

## Relatório da Peste 1908-1909

Papel, tinta e cartão  
32,5x24x2,5cm (C x L x E)  
Ilha Terceira, 1943  
BM-Açor-1864

## Vacinas antipestosas

Vidro, borracha e papel  
2,3x7cm (D x A)  
Dresda, Alemanha, séc. XIX-XX  
MAH.2016.2795 e 2796

## Máscara facial

Tecido de algodão  
13,5x7,5x3cm (C x L x E)  
Lisboa, séc. XIX-XX  
MAH.2016.3180

## Mesa de laboratório

Madeira e tinta  
82,7x93x57cm (A x C x L)  
Ilha Terceira, séc. XIX-XX  
MAH.2016.2735

## Microscópio Microbe hunter

Steindorff & Co  
Metal, vidro, borracha e baquelite  
39x32x20,5cm (A x C x L)  
Berlim, c. 1947 - 1960  
MAH.2016.2797

## Lamela Linfocitose

Vidro  
2,5x7,6x0,1cm (C x L x E)  
Ilha Terceira, séc. XIX-XX  
MAH.2016.2798

## Lamela Bacilos de Koch

Vidro  
2,5x7,6x0,1cm (C x L x E)  
Ilha Terceira, séc. XIX-XX  
MAH.2016.2799

## Lamela Leucémia

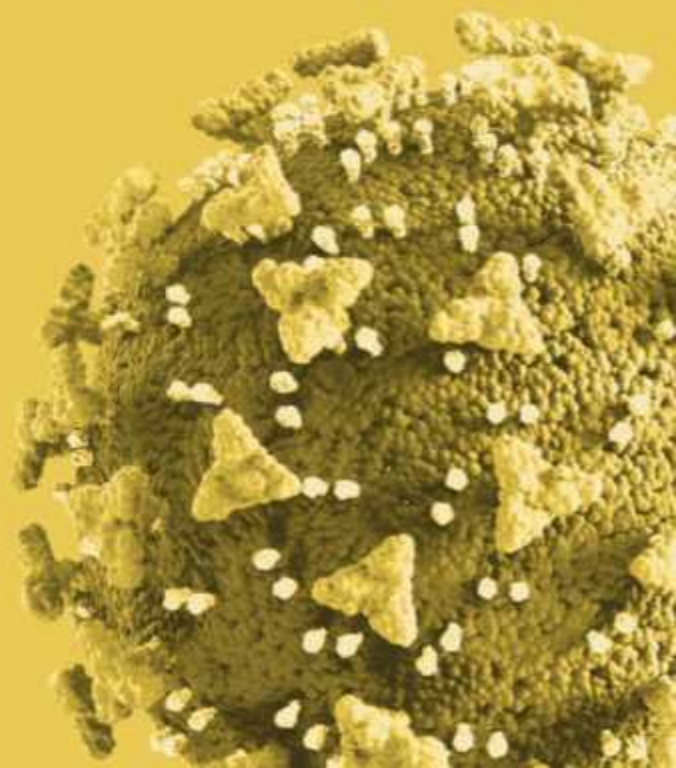
Vidro  
2,5x7,6x0,1cm (C x L x E)  
Ilha Terceira, séc. XIX-XX  
MAH.2016.2800

## Vacina de mRNA contra a COVID-19

Vidro, metal, borracha e papel  
1,6x4cm (D x A)  
Nova Iorque, dezembro 2020  
Pfizer Inc.  
MAH.2021.0605



A ILHA TERCEIRA EM  
TEMPOS DE PESTE...



10 abril  
03 outubro 2021  
SALA DO CAPÍTULO

# A ILHA TERCEIRA EM TEMPOS DE PESTE...



English version